Acervo ISA

Guarani

DRAMA

A MORTE RONDA A SELVA

Índios kaiowá e guarani estão morrendo aos poucos no interior do Mato Grosso do Sul. Sem comida, recursos e assistência médica vivem na miséria, esquecidos até pela FUNAI.

Luis Taques, de Amambai (MS)

Narcisa Nunes, 25 anos, mãe de quatro filhos kaiowá.

— O que os seus meninos têm para comer hoje?

Não sei.

— O que eles comeram ontem?

Nada. Só guavira.

— Eles não choram de fome?

Eu chorei

— Segunda-feira, 10h30. O marido, Jacinto Freitas, 60 anos, doente, foi para a cidade em busca de comida. A única certeza de Narcisa é que ele retorna para este lugar que a pobreza escolheu como morada lá pelas três, quatro horas da tarde, depois de percorrer 10 quilômetros a pé.

— Mas ele vai trazer comida?

Não sei.

Como este casal e seus filhos, outros 700 índios kaiowá e guarani da aldeia Limão Verde, em Amambai, 400 quilômetros de Campo Grande, vivem na mais absoluta miséria. Aqui nesta região, informa a própria Funai, um índio morre por dia, de desnutrição ou por complicações respiratórias.

Cena cotidiana. Logo que amanhece, os índios deixam a reserva, cortada pela MS 256, que liga o Mato Grosso do Sul ao Paraná por Guaíra, para pegar sobras de pão num lixão da cidade e bater nas portas dos brancos à cata de um prato de arroz misturado com qualquer coisa.

"Não tenho leite nem comida para dar para as crianças" — afirma Roberto Benitez, três filhos. Ele e Francisco Martins capturaram um louro na aldeia e vão tentar vender o passarinho em Amambai por Cr$400 mil. "Está difícil viver" — diz o solidário companheiro. "Domingo só tinha guavira em casa".

As casas em Limão Verde a que se refere o guarani são de palha, de pau-a-pique, sempre com um cômodo onde dorme toda a família. Invariavelmente, o fogão não passa de amontoados de lenhas. A água é retirada de poços e não passa por nenhum tipo de tratamento. A reserva tem 682 hectares.

A opção de Narcisa Nunes é deixar os filhos com o marido e ir para a cidade na tentativa de conseguir algum quintal para capinar. "Quando dá certo, dá para ganhar 60, 70 mil". A expectativa de Roberto Benitez e Francisco Martins é que fevereiro chegue logo, mês em que começa o corte de cana nas usinas de álcool nos municípios vizinhos. Não se tem notícias de que o programa "Nosso índio, nosso cidadão", do Governo do Estado, tenha chegado por aqui.

A morte com fuga

Amambai é a outra reserva e que deu nome ao município. Tem seis mil índios, também guarani e kaiowá, vivendo em 2.872 hectares. No dia 3 de outubro, dois deles foram eleitos vereadores — um pelo PT e outro pelo PST. Um dos orgulhos da aldeia é o time de futebol, que já foi campeão várias vezes na cidade. Sem trabalho — por falta de recursos não plantaram nada este ano — passam várias horas por dia jogando bola. Muitas mulheres seguem o destino das brancas pobres e vão trabalhar como domésticas — os homens, como bóias-frias.

Nos últimos seis anos, 100 índios se suicidaram na região de Amambai adminstrada pela Funai. O contato direto com a população branca, a falta de incentivo para tocar a terra, são apontados como algumas das causas para os suicídios. "Na votla do corte da cana, o índio já adquiriu outros hábitos" — afirma a professora de História da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Marina Venceslau, que estuda a morte como forma de protesto dos kaiowá e guarani.

"Chega um momento em que o índio sabe que não pode ser branco, mas que não é mais índio" — diz Marina Venceslau. Na entrada da aldeia Amambai está instalada a Missão Evangélica Kaiowá. O filho do pastor, Robson Gonçalves Rocha, 19 anos, é casado com a índia Débora, 17 anos — o nome da filha é Nádia.

Várias crianças, mulheres e adultos seguem à risca a cartilha "Japorahei Joá" ("Vamos cantar juntos") nos cultos que acontecem de quarta a domingo na Igreja comandada pelo pastor Mário Alves, nascido Triângulo Mineiro. Na reserva, os cultos são realizados nas quintas e sextas-feiras. A cartilha é uma coleção de hinos e corinhos no idioma kaiowá.

Cobra, um drama para as crianças

A demora no atendimento a Élita Marilio, seis anos, que tinha sido mordida por uma cobra, retrata bem o descaso do Poder Público para com a saúde dos kaiowá e guarani de Amabai. Às 18 horas de domingo, dia 20 de dezembro, ela foi picada por uma Jararaquinha.

Às 8h40m de segunda-feira, a *Folha* chegou ao barraco de palha da família e encontrou a menina ainda na cama, entregue à própria sorte. O jornalista Márcio Cabreira, que servia como guia, pegou Élita Marilo nos braços para levar ao hospital, quando, só então, apareceu uma equipe da Funai. A dificuldade seguinte era encontrar soro antiofídico nesta cidade de 25 mil habitantes (10 mil na zona rural) para medicá-la.

O administrador da Funai em Amambai, José Antonio Martins Flores, alega que precisaria, além de mis recursos, de médicos, antropólogos, dentistas, enfermeira padrão e assistente social para proporcionar aos índios um melhor atendimento. "Somos responsáveis pela administração de 22 áreas, de 16 municípios, com uma população de 27 mil índios e temos um débito de Cr$700 milhões" — reclama.

Menino da reserva indígena em Amambai: guavira nas refeições.

FUNAI parece uma criança

22 anos é a idade de Ave Apyka Rendy, kaiowá batizado Júlio Vasques, o vereador eleito pelo PT com 164 votos. Professor leigo da aldeia Amambai, 2 filhos, ele diz que o seu povo está pobre, por isso resolveu entrar para a política. "A sociedade branca não dá apoio aos índios. Nós não temos uma escola boa, a agricultura está parada".

— Qual a maior dificuldade enfrentada pelos kaiowá e guarani?

"A Funai para nós parece uma criança. Eles falam que têm projetos para a saúde, para a agricultura, para a educação, mas que só existe no papel. Esses são os nossos maiores problemas".

— Qual o primeiro projeto que você vai apresentar na Câmara para ajudar o seu povo?

"Eu quero conseguir a construção de um posto de saúde na aldeia. Precisamos de médicos e dentistas trabalhando aqui."

— O que vocês comem todo dia?

"Alguns, só batata. Outros que são aposentados, na hora que recebem o dinheiro comem carne."

— O índio político não vai ser igual ao branco político?

"O índio é diferente do branco. Na Câmara, o vereador índio também vai ser diferente. Os nossos compromissos vão ser respeitados, vão ser cumpridos."

— Você pensa em continuar na política?

"Eu penso."

— Ser deputado?

"Não sei se vou chegar lá."

— Prefeito de Amambai?

"Quero ser."

— O que você vai fazer com o dinheiro de vereador?

"Não sei ainda. Mas eu vou continuar morando aqui. Não posso abandonar a família e morar na cidade só porque sou vereador." **(L.T.)**

Alfabetização bilingue

Em 1989, a OPAN — Organização Padre Anchieta — implantou nas duas aldeias indígenas de Amambai um projeto que tinha dado certo em Santa Catarina: a alfabetização dos kaiowá e guarani pelos próprios índios. 18 professores-índios foram alfabetizados e treinados. Atualmente, dão aulas em quatro escolas da reserva Amambai e em uma da Limão Verde.

Nesses quatro anos, 270 índios já foram alfabetizados — outros 450 ainda estão aprendendo a ler e escrever em guarani e português. O projeto bilíngue reduziu em 55 por cento a evasão escolar e a repetência, antes verificadas com os professores brancos. O projeto tem convênio com a Prefeitura local.

A guarani Alzira Lopes, 37 anos, é uma das professoras pioneiras. Abandonada pelo marido, só quer saber agora de lecionar e cuidar dos seis filhos. "Não quero mais homem. Parece que não vai mais dar certo". Para as crianças com idade a partir dos seis anos, ela ensina matemática, ciências, geografia, língua portuguesa e história.

Ambojyta jety (vou cozinhar batata), *Kuña ophei ao* (a mulher lava a roupa), como os índios viviam antigamente, as suas crenças, Marçal de Souza Tupã-I (índio assassinado em 1983 e maior herói dos kaiowá e guarani) são estudados pelas crianças de 1ª. a 4ª. séries. "Elas não faltam às aulas, gostam de estudar e isso me faz feliz". E assim Alzira Lopes vai levando a vida, driblando a miséria que dia a dia dizima o seu povo. **(L.T.)**

Alfabetização na reserva: "As crianças gostam de estudar e isso me faz feliz", diz a professora Alzira Lopes.

Em nome do índio

O Mato Grosso do Sul tem 45 mil índios — quase 30 mil são eleitores. Em Amambai, eles representam 1.800 votos. Nas últimas eleições, apenas dois deles foram eleitos. Adair Gonçalves Sanches, 32 anos, 6 filhos, ex-agenciador de mão-de-obra barata indígena para as usinas de álcool, foi eleito com 231 votos. Guarani afirma que os suicídios acontecem porque os kaiowá têm a mente fraca.

— Por que você resolveu entrar para a política?

"Os índios estão sendo muito usados por várias entidades".

— Inclusive pela Igreja?

"A Igreja também. Eu não sou contra ninguém, mas sou contra determinados elementos que buscam recursos em nome do índio. E isso acontece a nível nacional".

— Quem, por exemplo?

"O CIMI (Conselho Indigenista Missionário). Eu falo francamente porque fui por três anos representante da União das Nações Indígenas (UNI) no Estado. Se eu conseguir na minha carreira política chegar lá, como cheguei, até agora, eu vou soltando o que sei para o público, vou denunciando".

— Tem muito desvio de dinheiro?

"Muito. Tem gente vivendo da desgraça do índio".

— Você tem como provar?

"Eu tenho. No momento certo eu vou denunciar".

— Por que o PST?

"Porque é o único partido que não vai precisar usar o índio para buscar recursos em nome do índio. O PT não. O PT montou esquema com o CIMI, com o PKN (Projeto Kaiowá-Nhandeva). A intenção do CIMI, do PKN, é para o índio continuar isolado, para eles conseguirem dólares do exterior".

— E o que a Funai faz pelo índio?

O guarani Adair Sanches: vereador pelo PST e planos para a prefeitura.

"Está falida. Esse ano a Funai não fez nada. Depois que ela montou essa panela com essa cambada..."

— A Funai também?

"Está todo mundo junto: a Funai, o CIMI, o PKN, o PT. Este ano ninguém tem roça aqui".

— E como o índio sobreviveu este ano?

"Trabalhando nas fazendas, nas usinas de álcool".

— Você já tem algum projeto para apresentar na Câmara?

"A necessidade é um carro com dois funcionários para atender na área da saúde".

— Tem plano para continuar na política?

"Vou me candidatar a deputado estadual. Se não der certo, vou me candidatar a vice-prefeito de Amambai".